

## RACIONALIDADE E VALORES

A AFECTIVIDADE COMO VALOR NA EDUCAÇÃO *Isabel Carmelo Rosa Renaud* • DESAFIOS DA DEMOCRACIA NO SÉCULO XXI *Carlos Pacheco Amaral* • VALORES ESTÉTICOS NO DEALBAR DO SÉCULO XXI *Gabriela Castro* • RELIGIÃO E RAZÃO *Cipriano Pacheco* • CONTEXTUALISMO E RACIONALIDADE PRÁTICA *Rui Sampaio da Silva* • RACIONALIDADE, CIÊNCIA E VALORES EM MAX WEBER *Álvaro Borralho* • RACIONALIDADE – DA CIÊNCIA COGNITIVA À FILOSOFIA *Sofia Miguens* • SOBRE O TÓPICO: A FORMAÇÃO EM VALORES *José Barata-Moura* • ACTO DE SER E PESSOA *Mafalda de Faria Blanc* • A NOÇÃO DE CIÊNCIA NO PENSAMENTO BERGSONIANO: UM TRABALHO DE CIRCUNVALAÇÃO *Magda Costa Carvalho* • ORGANIZAR O PODER ATRAVÉS DE UMA ONTOLOGIA DO FEMININO – VIRTUALIDADES E APORIAS *António Horta Fernandes* • A RAZÃO POÉTICA E A VIRTUDE DO SACRIFÍCIO SEGUNDO MARÍA ZAMBRANO *Arlindo Ferreira Gonçalves Jr.* • RAZÃO HISTÓRICA E EUROPA UNIDA *Berta Pimentel Miúdo* • A FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL COMO FILOSOFIA PRÁTICA *Carlos Morujão* • A SERENIDADE DO MAR. RAZÃO E EMOÇÃO NA ÉTICA DE EPICURO *José Manuel Santos* • ESCOLHAS INCONSISTENTES OU COMPREENSÕES DIFERENTES? REFLEXÃO FILOSÓFICA SOBRE UM PROBLEMA DA TEORIA DA DECISÃO *Ricardo Santos* • DO TEMPO ESTÉTICO À ARTE DE FAZER TEMPO: PARA UMA DELIMITAÇÃO DIFERENCIAL DA ESSÊNCIA SUSPENSIVA DA ARTE *Carlos Silva* • O CLARO-ESCURO DA SUBJECTIVIDADE: LIMITES DA RAZÃO NAS COISAS HUMANAS *Maria Luísa Couto Soares* • A PREENHÊNCIA DO PODER ESPIRITUAL SOBRE O PODER TEMPORAL NA ÓTICA DE D. FREI ÁLVARO PAIS *José António de Sousa* • A ACTUALIDADE DAS DISPUTAS MEDIEVAIS *Maria Leonor Xavier*

Patrocínio:



Governo dos Açores



ARQUIPÉLAGO

8

# ARQUIPÉLAGO

REVISTA DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

8

Philosophia

FILOSOFIA  
2007

Ponta Delgada • 2007

Publicação do  
CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS

Direcção

Berta Pimentel Miúdo  
Rui Sampaio da Silva

Toda a correspondência deve ser endereçada a

*ARQUIPÉLAGO (Filosofia)*  
Universidade dos Açores  
9501-801 Ponta Delgada Codex  
Fax: 296 650 126

O conteúdo dos artigos  
é da inteira responsabilidade dos seus autores

© Universidade dos Açores  
Ponta Delgada

ISSN: 0871-7672

Execução Gráfica: Coingra, Lda.  
Tiragem: 500 Exemplares  
Depósito Legal n.º 86649/96

Solicita-se permuta  
On demande l'échange  
Exchange requested  
Man bittet um Austausch

SUMÁRIO

Nota Editorial ..... 7

**I**

**Racionalidade e Valores**

A AFECTIVIDADE COMO VALOR NA EDUCAÇÃO <i>Isabel Carmelo Rosa Renaud</i> .....	11
DESAFIOS DA DEMOCRACIA NO SÉCULO XXI <i>Carlos Pacheco Amaral</i> .....	25
VALORES ESTÉTICOS NO DEALBAR DO SÉCULO XXI <i>Gabriela Castro</i> .....	39
RELIGIÃO E RAZÃO <i>Cipriano Pacheco</i> .....	45
CONTEXTUALISMO E RACIONALIDADE PRÁTICA <i>Rui Sampaio da Silva</i> .....	51
RACIONALIDADE, CIÊNCIA E VALORES EM MAX WEBER <i>Álvaro Borralho</i> .....	65
RACIONALIDADE – DA CIÊNCIA COGNITIVA À FILOSOFIA <i>Sofia Miguens</i> .....	69

**II**

**Varia**

SOBRE O TÓPICO: A FORMAÇÃO EM VALORES <i>José Barata-Moura</i> .....	89
ACTO DE SER E PESSOA <i>Mafalda de Faria Blanc</i> .....	143

A NOÇÃO DE CIÊNCIA NO PENSAMENTO BERGSONIANO: UM TRABALHO DE <i>CIRCUNVALAÇÃO</i> <i>Magda Costa Carvalho</i> .....	155
ORGANIZAR O PODER ATRAVÉS DE UMA ONTOLOGIA DO FEMININO – VIRTUALIDADES E APORIAS <i>Antônio Horta Fernandes</i> .....	163
A RAZÃO POÉTICA E A VIRTUDE DO SACRIFÍCIO SEGUNDO MARÍA ZAMBRANO <i>Arlindo Ferreira Gonçalves Jr.</i> .....	173
RAZÃO HISTÓRICA E EUROPA UNIDA <i>Berta Pimentel Miúdo</i> .....	189
A FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL COMO FILOSOFIA PRÁTICA <i>Carlos Morujão</i> .....	207
A SERENIDADE DO MAR. RAZÃO E EMOÇÃO NA ÉTICA DE EPICURO <i>José Manuel Santos</i> .....	231
ESCOLHAS INCONSISTENTES OU COMPREENSÕES DIFERENTES? REFLEXÃO FILOSÓFICA SOBRE UM PROBLEMA DA TEORIA DA DECISÃO <i>Ricardo Santos</i> .....	255
DO TEMPO ESTÉTICO À ARTE DE FAZER TEMPO: PARA UMA DELIMITAÇÃO DIFERENCIAL DA <i>ESSÊNCIA SUSPENSIVA</i> DA ARTE <i>Carlos Silva</i> .....	273
O CLARO-ESCURO DA SUBJECTIVIDADE: LIMITES DA RAZÃO NAS COISAS HUMANAS <i>Maria Luísa Couto Soares</i> .....	307
A PREEMINÊNCIA DO PODER ESPIRITUAL SOBRE O PODER TEMPORAL NA ÓTICA DE D. FREI ÁLVARO PAIS <i>José Antônio de Sousa</i> .....	323
A ACTUALIDADE DAS DISPUTAS MEDIEVAIS <i>Maria Leonor Xavier</i> .....	353
*****	
RECENSÃO: Brad Inwood, <i>Reading Seneca. Stoic Philosophy at Rome</i> , Oxford (UK), New York, Clarendon Press, 2005 <i>Pedro Correia</i> .....	361

## NOTA EDITORIAL

O presente número da *Revista Arquipélago – Série de Filosofia*, está dividido em duas partes. Na primeira, reúnem-se os textos que foram apresentados no âmbito de uma Jornada de Estudos Filosóficos organizada pelo Centro de Estudos Filosóficos da Universidade dos Açores e realizada em 16 de Novembro de 2006. O evento inseriu-se nas celebrações do Dia Mundial da Filosofia (proclamado como tal pela UNESCO) e tinha como público-alvo não apenas a comunidade universitária, mas também alunos e docentes de filosofia do ensino secundário.

A jornada subordinou-se ao tema “Racionalidade e Valores”, procurando, deste modo, desenvolver uma reflexão sobre os valores (éticos, políticos, religiosos e estéticos), sobre a natureza da racionalidade e sobre a articulação entre a racionalidade e os valores humanos. Além de duas conferências (a cargo das Professoras Doutoradas Isabel Renaud e Sofia Miguens), o programa da jornada compreendia ainda dois painéis de comunicações, um dedicado ao tema “Racionalidade e valores políticos, estéticos e religiosos”, e outro orientado para uma reflexão interdisciplinar sobre o problema da racionalidade.

A revista encontra-se enriquecida com outros textos de autores nacionais e brasileiros, que foram reunidos numa segunda parte. Apesar da diversidade temática que caracteriza este segundo conjunto de artigos, também neles se pode encontrar uma importante contribuição para o tema que está na base da presente publicação.

## VALORES ESTÉTICOS NO DEALBAR DO SÉCULO XXI<sup>1</sup>

Gabriela Castro\*

Arte e Estética são dois campos que na investigação filosófica se interligam e completam numa relação de intimidade e de cumplicidade.

Se nos questionarmos sobre o pragmatismo destes domínios e a sua importância para a filosofia, consciencializar-nos-emos que a Arte e a Estética se entrelaçam, numa cópula capaz de manifestar uma profunda relação que é herança recebida de todos aqueles que nos precederam e que, de algum modo, ajudaram a formar as matrizes do nosso pensamento.

Desde a Antiguidade Clássica que a arte, como a capacidade que o ser humano tem para *criar* algo, se declara à emoção que o objecto artístico induz.

Se nos questionarmos sobre: o que é *criar*?, a resposta virá, na sua simplicidade, dizer-nos que *criar* é *fazer aparecer* algo, e fazer aparecer algo é *produzir*. No entanto, também a natureza produz. Produz produtos a que chamamos naturais. Qual então a diferença entre um produto natural e um produto artístico? Para respondermos a esta questão diríamos que a natureza não produz, ela constitui-se mediante uma causalidade, a que chamaremos, na esteira de Aristóteles, orgânico-metafísica. Referindo-se a essa mesma causalidade Kant fá-lo nos seguintes termos: a «arte distingue-se da natureza, [por uma causalidade diferente] como o “fazer” (*facere*) se distingue do “agir” ou “causar” em geral, e o produto ou consequência da

<sup>1</sup> Estudo apresentado na Jornada de Filosofia subordinada ao tema “Racionalidade e Valores”, realizada na Universidade dos Açores, em 16 de Novembro de 2006.

\* Professora Auxiliar da Universidade dos Açores, regente da disciplina de *Estética e Teorias da Arte*.

arte se distingue, enquanto obra (*opus*), do produto da natureza enquanto efeito»<sup>2</sup>. Para Mikel Dufrenne este fazer da natureza será para nós um eterno enigma, na medida em que «da natureza só sabemos metaforicamente, porque não sabemos como ela faz o que para nós parece estar feito»<sup>3</sup>.

O estudo do *produzir* humano, do *criar*, do *fazer aparecer* a obra no mundo, foi já elaborado por Aristóteles, no séc. III a.C., no seu tratado sobre a arte de compor tragédias intitulado *Poética*. Para os gregos, o termo *poiétique* possuía mais do que um significado, porém, no seu sentido mais geral, incluía as artes úteis e as belas-artes. Se as artes úteis eram aquelas que produziam para as necessidades da vida, as belas artes situavam-se entre aquelas produções que visavam o prazer.

Na *Poética*, Aristóteles, para além de elaborar uma teoria da arte trágica preocupa-se, também, com a execução da obra de arte, ou seja, com a dimensão produtora, própria da capacidade criadora do artista. Esta capacidade criadora do artista vem referida, sem ser desenvolvida, no § XVII, da *Poética*, nos seguintes termos: «A poesia exige um homem com um dom especial, ou então um que possua em si um toque de loucura. O primeiro pode alcançar facilmente o estado de espírito necessário; o segundo pode ultrapassar-se realmente pela emoção»<sup>4</sup>. Este homem com um dom especial é o que Kant denomina de génio<sup>5</sup> e o que nós, em linguagem comum, chamamos o artista.

O artista é aquele que possui a capacidade produtora, inovadora e dinâmica de se metamorfosear na sua produção e fazer aparecer a obra de arte. No artista e na sua obra está co-presente a mesma realidade. É Platão quem nos afirma no *Fedro*: «eu não separo a ideia de um templo da sua edificação»<sup>6</sup>, o mesmo é dizer que a obra traz sempre consigo o momento da sua concepção, o momento da sua criação, o momento que deu origem ao seu aparecer.

É precisamente este momento originário, este acto criador que desafia, pois subjaz a todo o nosso desenvolvimento social e cultural. Encontramo-lo na ciência, na filosofia, na arte, na tecnologia, na política, na ética,

<sup>2</sup> KANT, *Crítica da faculdade do juízo*, Int. de António Marques, trad. e notas de António Marques e Valério Rohden, Imprensa Nacional, Casa-da-Moeda, Lisboa, 1992, § 43.

<sup>3</sup> in *Sens et existence, en hommage a Paul Ricoeur*, Éd. du Seuil, 1975, artigo de Mikel Dufrenne "L'esthétique de Paul Valéry", p. 39.

<sup>4</sup> ARISTÓTELES, *Poética*, 1455a, 32-34

<sup>5</sup> Génio é "a disposição inata do espírito (*ingenium*) pela qual a natureza dá as suas regras à arte", KANT, oc. § 46.

<sup>6</sup> PLATÃO, *Fedro*, II, 83

na religião, na estética, etc. Este acto criador ou criatividade é, como muito bem viu Paul Ricoeur, a matriz das articulações entre os diversos campos do saber humano transformando a dicotomia obra-criador num suporte inteligível capaz de os unir

Ao procurarmos a origem desta capacidade criativa existente no ser humano, encontramos-a quer na razão, quer na imaginação, consoante o universo ontológico em que nos coloquemos: aristotélico-tomista ou transcendental.

O artista, como vértice integrante do triângulo estético de Merleau-Ponty, é capaz de colocar um certo conteúdo numa determinada forma ou expressão, de modo a despoletar o conhecer, o desconstruir, o baralhar, o abalar, o perturbar, o alarmar, o espantar. Se para Freud aquele conteúdo é produto das fantasias inconscientes do artista, para Aristóteles, é racional na medida em que a razão, na sua dimensão *poiética*, é a faculdade capaz de *engendrar*, de *produzir* e de *criar* e, para Kant, é estético porque encontra a sua origem na imaginação<sup>7</sup>. No universo aristotélico-tomista é o domínio *poiético* da razão que determina o "facto", no universo kantiano é o domínio do livre jogo das faculdades transcendentais do espírito: a imaginação com o entendimento ou a imaginação com a razão que reflecte e justifica o aparecimento do sentimento do Belo e/ou do Sublime, respectivamente.

Esse algo mais que a obra de arte é capaz de transmitir, o prazer que o esteta usufrui, é por si só também matéria de reflexão filosófica, sendo integrado no universo aristotélico-tomista no domínio do conhecer, enquanto que no da filosofia transcendental surge de imediato no domínio do sentimento.

Com o avanço científico-tecnológico conhecido no segundo quartel do século XX, Bachelard assume a posição de que o objecto científico já não é o "dado" mas sim o "construído", isto é, o objecto científico *nasce* da inter-relação existente entre o cientista e a sua investigação. A posição do epistemólogo francês abre, no domínio especulativo, um enorme campo justificativo do "Poema" em Heidegger, ou da afirmação orteguiana de que "a física é poesia".

Neste contexto não podemos deixar de nos questionar: para onde nos poderão levar os estudos sobre o conteúdo semântico-filosófico da noção de arte se aplicada a campos tão distintos dos tradicionais, como a manipulação genética, por exemplo? A possibilidade da vida produzida em laboratório coloca-nos uma questão central sobre a dimensão ontológica do Homem: objecto natural ou objecto artístico? *Produto* natural ou *produto* cultural?

<sup>7</sup> Cf. KANT, oc. § 49.

Esta realidade científico-artística não nos pode deixar indiferentes quanto ao rumo que quer a arte quer a estética tomarão no séc. XXI.

No dealbar do séc. XXI, com os avanços da ciência e da tecnologia aplicados à dimensão artística, aparece-nos uma arte onde a racionalidade científica está presente. Não é uma arte útil. Não é uma arte que visa apenas o prazer da fruição do objecto produzido, é mais do que tudo isto. O que ela pretende é intervir no momento genésico da produção natural. Hoje, o artista faz aparecer uma obra, não num material mais durável do que a memória, como a pedra, a madeira, o ferro, etc, mas a matéria prima da sua produção é já a manipulação científica da natureza. É a bio-arte.

Apesar de ser apenas uma forma de expressão artística onde a vertente dominante não deixa de ser a arte, ficando a ciência reduzida à dimensão de instrumento necessário para o aparecer da obra, este novo campo não deixa de ser matéria intrigante para o pensar, na medida em que levanta a hipótese do aparecimento de uma nova noção, a da bio-estética. Neste campo a atitude estética é colocada face aos seus limites.

Será que o ser humano está consciente do desafio que a arte, no séc XXI, lhe colocará? Como se deixará afectar? O que o afectará? Quais os valores estéticos no dealbar do séc. XXI?

Sendo a Estética uma palavra que encontra no grego, em *aisthesis*, a sua origem etimológica, explicitante da sensibilidade ou acto de sentir, ela foi entendida como a capacidade de captação dos objectos que nos rodeiam por intermédio dos nossos sentidos.

Somente no século XVIII e na sequência de Wolf e de Leibniz, filósofos que integravam as correntes racionalista e realista e especificamente com Baumgarten, na sua obra denominada *Aisthesis*, publicada em dois volumes, um em 1750 e outro em 1758 é que a palavra “estética” começou a constituir um domínio filosófico específico, porém, ainda entendido como o estudo da perfeição do conhecimento sensitivo.

Pouco a pouco a Estética foi ganhando a sua própria identidade não se reduzindo apenas a uma ciência do conhecimento sensível, a uma ciência do belo, a ou a uma Filosofia da Arte.

Etienne Souriau aponta com precisão a diferença radical entre a Filosofia da Arte e a Estética. Para este filósofo a Filosofia da Arte caracteriza-se por uma vasta meditação reflexiva que toma por objecto a amplitude da arte, das suas actividades, das suas leis, das suas obras, sendo um ramo especial da filosofia, a qual pode meditar à sua vontade sobre todas as coisas, porém, a Estética é um saber mais limitado e de natureza científica, que tem por objecto

o estudo positivo do fazer estético; é a *forma*, cujo facto intervém incessantemente quer na arte, quer no estudo da natureza do “ponto de vista” do artista.

A Estética, no contexto actual, continua a ser a área do saber que estuda as nossas relações com a arte mas, na busca de entender o belo e a sua qualidade, a beleza. Ora, o que é o belo?

Desde os tempos áureos da filosofia grega que a questão do belo preocupa grandes pensadores, não pela simples especulação como exercício estéril, mas como questão de fundo capaz de facilitar a resposta às questões mais prementes e constantes de todos os tempos, como por exemplo: o que somos, o que é a existência, quem é Deus?

As respostas são, necessariamente, divergentes ao longo dos tempos. Desde Aristóteles, para quem o Belo deve ser percebido sensivelmente mas teoricamente contemplado, a Hegel, que aponta para a beleza na natureza como reflexo da beleza no espírito, passando pelo aquinatense que define o belo como «*id quod visum placet*» ou Heidegger, para quem a beleza é o resultado do aparecer da verdade na obra de arte, que Kant marca ao inaugurar um novo discurso propriamente estético, apontando a obra de arte como necessária, mas reduzindo a sua função à possibilidade de despoletar as estruturas transcendentais do sujeito, capazes dum juízo estético, ao afirmar que «o belo é o que agrada universalmente e sem conceito», o que, em diálogo com Platão, nos coloca na posição de concordarmos com este grande filósofo grego quando escolheu para frase terminal da sua obra *Hípias Maior* «o belo é difícil».

Ora, a arte porque é uma «finalidade sem fim», como afirma Kant, conta apenas com um único objectivo – o de instaurar, tornar presente ou comunicar sentido por isso a obra de arte faz chegar até nós um Sentido que cruza o tempo e o espaço tornando-se na distância, a aparição única de uma distância e ao mesmo tempo o testemunho de um aqui e agora da sua produção. Porém, o que se entende por sentido?

Na sua exposição subordinada ao tema “Análise Expectante”, capítulo V da obra *Linguagem e Ser*, José Enes, após uma profunda explanação da “indicação do sentido do sentido”, explica-nos que sentido encontra a sua origem na estrutura dinâmica do movimento físico, e daí, metaforicamente, é transferido para o movimento consciente do espírito, ultimando-se esta transferência «no verbo de que sentido é participio — Sentir»<sup>8</sup>. Fixando-se posteriormente no núcleo significativo de sentir, a partir do qual se formaram as outras significações, de onde deriva o sentido do sentido, José Enes,

<sup>8</sup> ENES, José, *Linguagem e Ser*, Imprensa Nacional Casa-da-Moeda, Lisboa, 1983 p. 96.

em "Aclaramento do sentido do sentido como processo essencial da fala", retoma a sua exposição anterior e aplica-a à linguagem entendida como fala<sup>9</sup>. «Falar, ler e entender são constituídos por um movimento do espírito que traz à presença coabitante os *seres*. A significação deste falar grego do *lógos* consiste intimamente no sentido do sentido. Este é que faz a fala mostrar e trazer à presença falando. (...) [O] sentido (...) é (...) o falar da fala»<sup>10</sup>.

Na sequência destes pressupostos arriscamos afirmar que a fala da obra de arte, o *algo mais* que ela esconde-revela e estática movimenta, é justamente o sentimento de comprazimento ou de descomprazimento que provoca no percipiente. Esse algo que é captado pela razão ou pela imaginação, porque estético, integra-se numa denominação categorial, pelo que a estética implica categorias que, no seguimento de Étienne Souriau englobam as grandes e as pequenas categorias estéticas. Desde o belo e o feio, passando pelo sublime, pelo cómico ou o dramático, pelo grotesco e pelo trágico elas aparecem-nos como o impacto provocatório de sentimentos e de emoções justificativos da afectividade e formadores da nossa mentalidade.

A obra de arte é necessária como comunicação facilitadora do campo da inter-subjectividade e como expressão, na medida em que é manifestação do expressado enquanto sujeito. A obra de arte pertence simultaneamente ao mundo dos possíveis e ao mundo real pelo que podemos inferir que se por um lado temos o mundo real, e por outro o mundo dos possíveis, a Estética aparece justamente no cruzamento dos dois enquanto domínio da percepção e da poética, que une o aparecer da obra e o sentir do esteta na constituição de um novo mundo que é surgimento.

Se a estética e a experiência estética prefiguram o modo de reconhecimento, de apreensão do mundo físico, psíquico e espiritual e se o modelo do mundo de hoje é a irrupção, num universo estabelecido, do tumulto, da vacilação, do questionamento, do provocatório, os *Valores Estéticos no Dealbar do século XXI* serão a ponte justificativa que, na experiência estética e a partir dela, opere a transformação do conhecimento que transfigura a facticidade do real em *logos* já não numa escala de valores tradicional, mas dando azo a que essa mesma escala se reestruture na produção dum homem novo.

<sup>9</sup> Cf. idem, p. 95 a 102.

<sup>10</sup> Idem, p. 103.

## RELIGIÃO E RAZÃO

Cipriano Pacheco\*

O tema da *Religião* nas suas relações com a *Razão* passou por muitas interpretações ao longo dos tempos, adquirindo nova pertinência na actualidade. É um assunto demasiado vasto para ser objecto de abordagens rápidas.

Assim sendo, vou limitar-me a colocar em destaque algumas problemáticas relacionadas com o tema em causa, não pretendendo mais do que contribuir para suscitar o desejo de ulteriores aprofundamentos relativamente a um assunto que, pelos vistos, não perdeu actualidade.

O tema da relação entre *Religião* e *Razão* é uma daquelas questões que se pode considerar muito antiga e sempre nova.

É conhecida de todos uma tendência muito difundida pretendendo que *Religião* e *Razão* são realidades necessariamente opostas ou mesmo antagónicas, excluindo-se mutuamente.

Para referir apenas o caso do Ocidente, onde a predominância religiosa teve a sua expressão no Cristianismo, a história do pensamento religioso mostra-nos que não foi sempre e necessariamente de *oposição* ou de *mútua exclusão* a relação entre *Religião* e *Razão*.

Em termos rápidos, pode dizer-se que aquela relação passou por ser de aproximação, subordinação, confusão, distinção ou, até mesmo, de separação pura e simples.

No entanto, desde a alta Idade Média, no caso da fé cristã, a aproximação entre *Razão* e *Fé*, por exemplo, teve expressão em frases de inspiração agostiniana tornadas proverbiais: *Credo ut intelligam* (creio para compreender), bem como *intelligo ut credam* (compreendo para crer).

Antes de mais, importa reconhecer que o fenómeno religioso inclui um tipo de experiência humana que não se encerra, sem mais, no domínio

\* Doutor em Filosofia, área Medieval, pela Universidade S. Tomás de Aquino (*Angelicum*), Roma.